

CONSTRUÇÕES NOMINAIS CLASSIFICATÓRIAS EM PARKATÊJÊ?

Marília de Nazaré FERREIRA-SILVA
Universidade Federal do Pará

RESUMO: A partir de uma abordagem funcional, este trabalho apresenta as características da formação de alguns nomes em Parkatêjê, descrevendo um conjunto de nomes da língua, que ocorrem em compostos. Tais nomes imprimem nos compostos dos quais passam a fazer parte um significado específico relacionado a aspectos como forma, tamanho e espessura. São nomes tomados como referência na língua. Alguns desses são inalienáveis, referentes a partes do corpo, utilizados em sentido metafórico. Outros não; como é o caso do nome farinha. Esse conjunto de nomes, embora funcione à maneira de classificadores, não apresenta a mesma extensão que tais formas.

PALAVRAS-CHAVE: Parkatêjê; nomes compostos; termos de classe; classificadores.

ABSTRACT: Based in a functional approach, this paper presents characteristics of some noun formation in Parkatêjê and describes a set of nouns from Parkatêjê language which occurs in compounds. Those nouns give an specific meaning to those compounds related to aspects like shape, size and thickness. They are reference nouns in the language. Some of them are inalienable, related to human body parts, used in a metaphoric sense. Others not; like the noun related to flour. That set of nouns, although occurs like classifiers, do not presents the same extension than it.

KEYWORDS: Parkatêjê; compound noun; class terms; classifiers.

1 INTRODUÇÃO

Que as línguas humanas estejam estreitamente associadas às distintas culturas em que operam não é decerto nenhuma novidade.

MOARA

Lyons (1977, p. 203) afirma que “cada língua é integrada na cultura em que opera e sua estrutura lexical (bem como pelo menos parte da sua estrutura gramatical) reflete as distinções que são (ou foram) importantes na cultura”.

Deste modo a relação entre língua e cultura codifica inúmeros conceitos concebidos como reflexo do pensamento de um povo, espelhados na cultura e expressos por meio de sua língua. A descrição que um povo faz de um mundo resulta de sua visão acerca desse mundo, de sua construção e identidade cultural. Nesse contexto, os nomes são formas utilizadas para representar coisas que existem ou que ocorrem/acontecem em um mundo. Ao se associar uma coisa a um nome, um povo faz representações, registrando propriedades atribuídas a essas coisas. Por esta razão, os nomes contêm informações culturais importantes, que auxiliam a compreensão do mundo por meio da língua.

A utilização de noções corporais como forma de orientação locativa-espacial e de extensão em línguas humanas é um desses aspectos das representações que fazemos. A esse respeito, Langacker (2002) diz que certos povos tomam partes do corpo como referência à forma ou à função de objetos, utilizando essas noções a partir de usos metafóricos.

Este trabalho pretende, por meio de uma abordagem de orientação funcionalista, descrever nomes compostos da língua Parkatêjê que incluem nomes que ocorrem à maneira de um classificador nominal. A pesquisa bibliográfica que embasou a investigação também é parcialmente apresentada bem como a formação de alguns nomes por acréscimo de sufixos derivacionais. Além disso, apresenta-se uma lista de nomes do que parece constituir um sistema de classificação do reino animal, em que filhotes de determinados animais partilham a mesma denominação específica para o que parece ser uma sub-classe. As questões abordadas são ilustradas com base nos dados coletados por Ferreira ao longo de uma década de estudo da língua em questão. A análise aqui apresentada fundamenta-se em Ferreira (2003), com pontos em

comum com a análise de Araújo (1989), muito embora o tratamento dos dados tenha sido distinto daquela abordagem, no sentido de ser uma ampliação daquele trabalho.

2 CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS E DESCRIÇÃO DA FORMAÇÃO DE NOMES NA LÍNGUA PARKATÊJÊ

A língua Parkatêjê é falada por uma comunidade indígena que se autodenomina do mesmo modo e que está localizada no sudeste do estado do Pará, no município de Bom Jesus do Tocantins. Trata-se de uma língua considerada parte do Complexo Dialetal Timbira, conforme Rodrigues (1999), da família Jê, agrupamento Macro-Jê, que partilha características tipológicas semelhantes às de outras línguas de mesma afiliação genética, tais como aquelas de cunho (i) fonético-fonológico – sistemas de sons vocálicos e consonantais; (ii) morfológico – a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado; (iii) sintático – a ordem constituinte em orações declarativas e entre outras. O Parkatêjê é uma língua SOV, com marcação no núcleo. A morfologia verbal foi descrita por Ferreira (2003) tendo alguns aspectos como

- (a) Os nomes ocorrem com os sufixos derivacionais **-re** e **-ti**, de diminutivo e de aumentativo, respectivamente. Esses sufixos ocorrem também com os verbos, porém, nesse caso, não fazem referência a tamanho, mas indicam ênfase sobre a ação, apontando para a sua intensidade ou para características do sujeito ou do objeto.
- (b) Os nomes não são flexionados para gênero. O gênero de alguns nomes, porém, pode ser indicado lexicalmente por termos genéricos para homem/macho ou mulher/fêmea, dependendo das circunstâncias.
- (c) Os nomes são marcados pela categoria de caso.
- (d) Raízes nominais podem ser derivadas a partir de itens de outras classes de palavras, como, por exemplo, verbo e

pronome reflexivo, bem como pelo acréscimo do sufixo nominalizador *-xá*.

- (e) Da mesma forma, raízes verbais podem ser nominalizadas através do acréscimo do formativo *kate*.

Os nomes, de uma maneira geral, podem ocorrer com os sufixos derivacionais *-re* e *-ti*, os quais indicam tamanho, pequeno (diminutivo) e grande (aumentativo), respectivamente, podendo codificar outras noções relacionadas à tempo. Em alguns casos, o sufixo *-re* pode indicar 'magro; fino' e *-ti* pode indicar 'gordo; grosso'. Nos termos de parentesco, esses mesmos sufixos assumem uma dimensão cronológica, fazendo contraste entre a indicação de parentes mais velhos e mais novos. Entretanto, a dimensão física prepondera sobre a cronológica, de acordo com as observações de Araújo (em comunicação pessoal).

Araújo, em comunicação pessoal, relatou-me que o Sr. Jack Popjes refere-se à língua Parkatêjê como "o dialeto *-re/-ti*" (do Canela), devido ao uso de tais sufixos na língua. Verifica-se também a ocorrência desses sufixos em Kayapó (Mêbêngokre) (anotações pessoais de Borges), em Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986) e em Suyá (SANTOS, 1997).

A marcação de número em Parkatêjê é feita pelo acréscimo do formativo *mê* antes dos nomes cujos referentes são [+humano], enquanto o singular é não-marcado. O formativo *mê* também ocorre com certas formas pronominais, indicando suas formas plurais. Em certos contextos, *mê* é plural e em outros marca o traço [+humano] de determinados nomes.

Inúmeros compostos em Parkatêjê são formados a partir de raízes simples e, de acordo com o que foi observado por Araújo (1977), tais nomes podem constituir-se de itens lexicais pertencentes à mesma ou a diferentes classes de palavras. A análise de Araújo, embora cuidadosa, difere da presente análise, no que respeita à consideração de aspectos distribucionais e estruturais de outras classes de palavras da língua que se combinam para a derivação

de nomes por meio de composição e de outros critérios a seguir explicitados, especificamente, nesse caso, a nomes compostos em que um deles parece funcionar como um classificador.

Observa-se que, do ponto de vista semântico, o significado do nome composto não se reduz à simples soma dos itens lexicais que o constituem. Em geral, os compostos apresentam um significado distinto daquele de seus itens constituintes. Um outro critério está relacionado ao padrão acentual. Em geral, nomes compostos apresentam um padrão acentual típico de raízes simples.

A estrutura interna de nomes compostos segue os esquemas que os explicitam abaixo:

- (1) **nome + nome = que ocorre como uma construção genitiva**
 parkre 'canoa' *lit.* 'pau com buraco'
 par 'pau' + kre 'buraco'
- (2) **nome + descritivo = que ocorre à semelhança de um sintagma nominal**
 kônkrire 'lagoa' *lit.* 'água pequena' água-pequena
 kô 'água'+ nkrire 'pequena' 'lagoa'

Araújo (1989) cita os nomes formados por composição de elementos de mesma ou de diferentes categorias gramaticais por meio do acréscimo dos sufixos derivacionais *-xà* e *-katê*. A partir do acréscimo desses sufixos nomes são formados. O primeiro elemento, *-xà*, combina-se com raízes verbais para designar o objeto com o qual se pratica a noção expressa pelo verbo, como nos exemplos abaixo:

- (3) **(nome) + verbo + -xà**
 pâr-kupu-xà 'sapato'
 Pé-enrolar-Nom
- (4) amjipupun-xà 'espelho'
 REFL-ver-Nom

- (5) kapõn-xà 'vassoura'
Varrer-Nom

Já o sufixo derivacional **-katê** combina-se com nomes indica o agente da noção que o verbo expressa, ou que se pode deduzir do nome ao qual se agrega, conforme os exemplos abaixo:

- (6) **nome + sufixo agentivo**
ropkatê 'caçador de onça'
- (7) kôtajkatê 'colhedor de cupuaçu' lit. 'colhedor de cupuaçu'

Os nomes próprios em Parkatêjê são compostos e seguem os padrões acima detalhados, tendo como característica particular o fato de serem nomes não-possuíveis. Tradicionalmente o nomeador escolhe uma característica de seu próprio caráter ou comportamento com a qual chamará seu nomeado. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

- (8) Amrikupati 'aquele que é corajoso' lit. 'não há medo'
NEG.EX-ter.medo
- (9) Kupëjipokre 'aquele que gosta de estar no meio dos *kupë*
não-índio-estar.no.meio-Dim'

Até 2000, partilhavam a mesma aldeia dois grupos de remanescentes de povos timbira que viveram na região do sudeste do estado do Pará. Atualmente o povo que habitava a Terra Indígena Mãe Maria se dividiu, lá permanecendo aqueles que se denominam Parkatêjê. Na aldeia do km 25 – como eles próprios costumam falar – estão aqueles que se auto-denominam Kyjkatêjê. Embora esses povos façam questão de apresentar-se inclusive e principalmente da perspectiva linguística como distintos, pode-se afirmar que as línguas apresentam muita semelhança estrutural, podendo ser consideradas dialetos de uma mesma língua.

A língua Parkatêjê atualmente é falada apenas pelos mais velhos, não sendo mais aprendida pelas crianças como língua

materna, o que, entre outros fatores sócio-políticos também relevantes, faz dela uma língua em perigo de desaparecimento.

3 DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES NOMINAIS EM PARKATÊJÊ

Em Parkatêjê, há um conjunto de nomes inalienáveis, referentes a partes de um corpo, que ocorrem como parte de compostos para indicar características relacionadas à forma, textura, espessura, entre outros aspectos. Alguns nomes não relacionados a partes corporais também são observados nas mesmas situações – por exemplo, farinha, *xôm*, em Parkatêjê, é um deles.

Considerando-se o que a literatura especializada tem assumido acerca dos tipos de sistemas de classificadores – Allan (1977), Craig (1986), Mithun (1986) e Aikhenvald (2000), entre outros – verifica-se que o Parkatêjê, diferentemente do Panará (DOURADO, 2001) e do Karirí (RODRIGUES, 1999), não apresenta um sistema de classificadores nos termos daquelas línguas.

Para Ribeiro (2000), o Karajá apresenta um tipo de incorporação nominal classificatória, isto é, termos de partes do corpo funcionam ordinariamente como termos de medida, do tipo “cabeça”; “olho”; “barriga”, entre outros. Para Amado e Silva (2008), o Pykobiê é uma língua em que existem incorporações por meio de termos de classe. Em Panará, há classificadores, todavia Dourado (2001, p.206), separa classificadores propriamente ditos dos chamados termos de classe, os quais correspondem ao nível básico de categorização, tendo uma função semelhante à dos classificadores, porém em nível lexical. Já Siqueira (2009, p.66) descreve em Akwe-Xerente nomes inalienáveis (referentes a partes de um corpo) em função classificadora. Siqueira questiona se tais nomes estão se lexicalizando, uma vez que ao constituírem os compostos, esses nomes “perdem seu sentido primitivo” relacionado a partes do corpo.

De acordo com Aikhenvald (2000, p. 86-7), é geralmente uma tarefa árdua decidir se uma língua estabeleceu um sistema nominal de classificadores ou se ela somente apresenta um mecanismo que consiste em emparelhar nomes genéricos e nomes específicos. Esse último parece ser o mecanismo da língua Parkatêjê, a qual apresenta um conjunto de termos, que funcionam como formativos classificatórios, constituídos de basicamente uma sílaba, que se combinam com outras raízes nominais formando compostos do tipo nome específico mais nome genérico na língua, que resulta em um nome mais específico que o primeiro. São compostos lexicais.

Os nomes que funcionam como referência de características do tipo tamanho, forma e espessura fazem parte de um grupo semântico, cujos traços comuns podem ser definidos pelas propriedades físicas a eles atribuídas. Nesse caso, o povo tomou como referência nomes de partes de um corpo, sendo, portanto, usados como metáforas, de acordo com a argumentação apresentada na introdução do presente trabalho. Esses nomes são restritos a poucos campos lexicais, o que os diferencia de classificadores nominais que cobrem mais extensivamente o léxico. Tais nomes poderiam recair na classificação de termos de classe, os quais não constituem uma construção sintática do mesmo modo que construções com classificadores nominais, já que os primeiros são basicamente exemplos de um tipo de composição lexical. Morfossintaticamente, dentre outras características, ocorrem como núcleos de predicados verbais e alguns deles podem ser incorporados em uma raiz verbal. Ao ocorrerem em combinação com outros nomes fornecem a estes traços semânticos ligados ou definidos pelas características físicas presentes em seu conteúdo nocional, perdendo seu significado primeiro.

Os termos de classe constituem uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos com função classificatória em nível lexical, já que estes não apresentam a mesma extensão de uso do que se denominam classificadores propriamente ditos.

Alguns exemplos dos termos de classe em Parkatêjê são:

Quadro 1- Termos Parkatêjê

Termos de classe	Composto	Glossa	Tradução
kà 'invólucro'	parkà	pau-invólucro	casca de árvore
	pàrkà	pé-invólucro	sapato
	i-kà	1s-invólucro	minha pele
hó 'folha'	parhó	pau-folha	folha (genérico)
	rõtíhó	babaçu-folha	folha de babaçu
	pyhó	urucum-folha	folha de urucum
hy 'semente'	pàrxóhy	castanha-semente	castanha-do-Pará
	katókhy	espingarda-semente	bala
	póhy	milho-semente	milho
krã 'cabeça'	aprykrã	-cabeça	peteca
	kaxàtkrã	algodão-cabeça	novelo de linha
xôm 'farinha'	kwýrxôm	mandioca-pó	farinha
	kapamxôm	areia-pó	areia
hi 'osso'	i-krathi	1s-tronco-osso	minha bacia
	i-katuthi	1s-costas-osso	minha coluna vertebral
hĩ 'carne'	wajĩ	dente-carne	gengiva
kô 'líquido'	jarkô	boca-água	saliva

Para Aikhenvald (2000, p. 86-7), a composição de nomes envolvendo nomes genéricos-específicos pode ser comparada a componentes derivacionais em classes nominais tais como *berry* em inglês – *strawberry*, *blackberry*, tendo em vista sua produtividade limitada, seu alto grau de lexicalização e o fato de eles serem restritos a uma classe fechada de raízes nominais. Por tais razões, tais termos não devem ser considerados como parte de um sistema de classificação.

Além disso, Aikhenvald (2000) afirma que o critério decisivo para decidir se determinado sistema é de classificadores ou de termos de classe é verificar o quão obrigatório são os nomes genéricos (ou termos de classe, de acordo com a terminologia usada por DOURADO 2001) e se é possível formular regras explícitas para a sua omissão. Com base em Aikhenvald (2000), pode-se afirmar que em Parkatêjê esses termos são obrigatórios, não sendo possível omiti-los sem prejuízo para o significado dos compostos em que eles tomam parte.

Termos referentes a nomes de filhotes de animais apresentam diferenças que podem ser interpretadas como uma classificação particular da cultura a que pertence a língua Parkatêjê. Tais conjuntos diferem-se da visão ocidental, em que se verificam divisões como mamíferos, anfíbios, aves e etc. Esses termos parecem fazer parte de um inventário de nomes de um sistema de classificação do reino animal.

Nesse conjunto há sub-conjuntos em se agrupam nomes de animais muito diferentes a partir da denominação atribuída aos seus filhotes. Deste modo, **kra** pode referir-se a filho (pequeno) de seres humanos, mas também a filhotes de cachorro, jacaré e cobra, entre outros.

Alguns desses termos são os que seguem abaixo:

- a) **Pāimre** – kra (paca), kukinêre (cotia), tôn (tatu), rop (onça);
- b) **Kra** – rop (cachorro), mire (jacaré), kahã (cobra); rôti (cobra d'água); tyryhókuti (cobra-papagaio); kahã teteti (cobra verde); pàtäre (preguiça); pàtäre kruture (tamanduá-bandeira); pàtäre katut xêtere (preguiça bentinho); kukryt (anta); jaxy (veado); karâyre (veado-branco); jaxy kâhâkre (bode); wakõ (quati); mpokôti (boi); mpokôti kâhâkre (jumento); kroti (mucura); pyp (poraquê);
- c) **Krâjakôtôre** – krô (porco); krôre (caititu); krôjapure (porco-de-casa);

- d) **Rôre** – kupyrt (guariba); kukoj (macaco); pythâk (macaco-cuxiu); kukojmpej (macaco quinze quilos); xânre (macaco mão-de-ouro); xêpre (morcego);
- e) **Ntôre** – pytêkti (mutum); pan (arara); âhâre (galinha); mpo-pârpoti (pato); pânhâkti (arara azul); pânare (ararinha); kryiti (papagaio); kryirepakre (papagaio preto); kêkêtere (periquito); kahejti (curica);
- f) **Titôre** – hâk (gavião)
- g) **Raimre** – krytyti (traíra); tepkratikymântoti (tucunaré); hire (mandi pequeno); hiti (mandi maior); krâti (peixe-sabão); tepepeiti (peixe-pedra); tepxwajapieti (peixe-cachorro); pârkâti (acari).

4 CONCLUSÕES

A língua Parkatêjê conta com nomes formados pelos processos de derivação e de composição. Nessa língua nomes podem ser derivados pelo acréscimo de sufixos como **-re**, **-ti**, **-katê**, **-xâ**, entre outros. Nomes compostos são formados pela combinação de nomes com nomes e de nomes com descritivos.

Um tipo de combinação de nomes com nomes, envolve a junção de nomes em que o modificador, semanticamente, pertence a classe de partes do corpo ou a classe de noções culturais como farinha, por exemplo. Nessa situação, esses compostos ocorrem como combinações de nomes genérico-específicas, indicando características dos objetos nomeados. Por exemplo: **kaxàtkrâ** é formado a partir de **kaxàt** 'linha de algodão' e **krâ** 'cabeça', logo a palavra composta é novelo de linha de algodão, o qual é arredondado como uma cabeça. Observa-se que, ao integrar o composto, o nome entra com a menção à forma do significado primitivo, perdendo-o, todavia, esse significado primeiro de 'cabeça'. O que permanece é a referência à forma arredondada.

Em outras construções verifica-se que nomes inalienáveis não figuram sem seu possuidor expresso, mas no caso dos compostos nominais, esses inalienáveis não necessitam da posse. Tais compostos podem ocorrer como núcleos de sintagmas nominais. Trata-se, pois, de uma forma de composição de nomes em que aqueles nomes, relacionados a partes do corpo, servem como referência para indicar medidas e formas a outros nomes. O resultado são nomes mais específicos após a combinação.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: OUP - Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory, 2000.
- ALLAN, Keith. Classifiers. *Language*, n. 53, p. 285-311, 1977.
- AMADO, Rosane de Sá; SILVA, RODRIGUES, Talita. Estudando em termos a língua indígena Pykobiê Gavião. *Revista Guavira-Letras*, v. 1, n. 8, mar./jun. 2009. Disponível em: <http://rogerio-vicente.sites.uol.com.br/Revista-uavira/downloads/revguavira008.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2010.
- ARAÚJO, Leopoldina M.S. *Semântica gerativa da língua gavião-jê*. 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1977.
- _____. *Aspectos da língua gavião-jê*. 1989. 183 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- CRAIG, Colette (Ed.). Noun classes and categorization. *Typological Studies in Language*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1986. v. 7.
- DOURADO, Luciana. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.
- FERREIRA, Marília de N. de O. *Morfossintaxe da Língua Parkatêjê*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.
- LANGACKER, E.W. A study in unified diversity: English and Mixtec locatives. In: ENFIELD, N. J. (Ed.) *Ethnosyntax: explorations in grammar and culture*. New York: Oxford University Press, 2002.

- LYONS, J. *Semântica*. Lisboa: Presença; São Paulo: M. Fontes, 1977. V.1.
- MITHUN, M. The convergence of noun classification system. In: CRAIG Colette (Ed.) *Noun classes and categorization*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1986.
- POPJES, J.; POPJES, J. Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G. (Ed.) *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. v.1.
- RIBEIRO, E. R. *Valence, voice and noun incorporation in Karajá*. Manuscrito, 2000.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Ed.) *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- SANTOS, Ludoviko C. *Descrição de aspectos morfossintáticos da Língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- SIQUEIRA, K. M. F. Nomes de partes em função classificadora: âmbito de análise do sistemas de classificação nominal Akwe-Xerente. *Revista Via Litterae*, v. 1, n. 1, ago./dez. 2009. (versão eletrônica)